

# Um estilo de governar

Cedendo embora aos maus conselhos daqueles que cuidam de sua "imagem política" — como aquele, registrado pelas objetivas, de sentar-se na cama de Kubitschek, no museu de Diamantina, sob o retrato do antigo presidente, na mesma posição que a pintura busca imortalizar —, o presidente Fernando Henrique Cardoso vai aos poucos marcando sua peculiar maneira de conduzir os negócios públicos. Aos comentaristas caberá estabelecer se, na descrição do time de futebol feita na aula da escola da Bahia, não mencionou o Poder Legislativo por mero esquecimento ou, intencionalmente, já que ao Congresso fez expressa menção no encontro que teve com os empresários, quando igualmente falou de improviso. Seguramente foi um esquecimento, mas que no Congresso será devidamente comentado, se não contabilizado na coluna do "Dex". Tendo sido tal, no entanto, não deixou de retratar a posição em que o Poder Legislativo se colocou na Legislatura que terminou, de total alheamento aos problemas do País, permitindo ao presidente Itamar Franco governar por medidas provisórias, estabelecendo o governo unipessoal que sempre criticamos. Se as medidas provisórias passaram a ser usadas, por um lado, para entorpecer o Legislativo e, por outro, para sanar sua ineficiência, mostrar-se-ão inúteis, no entanto, diante da reforma constitucional.

Esse é, em síntese, o problema que se coloca

para o presidente da República. S. Exa. já demonstrou, pelas sucessivas reedições de medidas provisórias que fez nesses trinta e poucos dias de mandato — provocando até mesmo uma representação junto ao Supremo Tribunal Federal —, que está disposto a governar como governaram Sarney, Collor e Itamar, isto é, lançando mão a todo instante de medidas provisórias. Porém, não poderá fazer o mesmo no que se refere às reformas constitucionais. Para fazê-las, necessita do Congresso. Esse *necessitar*, porém, para o chefe de Estado, não se esgota simplesmente em dizer que, "numa concepção democrática, o Congresso é parceiro fundamental das mudanças". O presidente está convencido de que *fará* as mudanças, retomando expressão que não se ouvia há alguns anos: "A política não é a arte do possível, é a arte do necessário. Quando é necessário, faz-se. É necessário mudar. Nós vamos mudar". Evidentemente, não pode mudar por medida provisória — usando esse instituto, poderá esclarecer alguns aspectos do projeto de lei sobre concessão de serviços públicos, que deverá sancionar na semana entrante. Para mudar, deverá contar com o auxílio do Congresso — cuja agenda, no entanto, não deseja "afogar", não por ter esse "direito".



Na sua fala aos empresários, S. Exa. deixa claro algumas coisas: fará as mudanças (o que significa que usará de medidas provisórias quando e se possível); essas mudanças necessárias far-se-ão num processo; o concurso do Congresso é indispensável. Ora, se o presidente da República verifica que projetos do senador Fernando Henrique Cardoso ou dormem o sono dos justos (como o que institui o voto distrital misto) ou demoraram quatro anos para ser votados e só o foram por pressão do chefe do Executivo (o das concessões de serviços públicos), é apenas natural que S. Exa. esteja disposto a fazer que a sociedade apresse o *processo*. Não apenas "natural" — declarou-o expressamente: "Um homem de ação não tem que estar preocupado só em registrar a sua posição pessoal, ele tem que estar interessado em efetivar as transformações. Então, tem que conduzir o processo de transformação. Nós vamos conduzir esse processo de transformação". Como? Da maneira que a política do necessário sempre ensinou: fazendo que a sociedade exerça legitimamente sua pressão sobre quem resiste.

O presidente conhece o Congresso. Seus ministros ouviram os partidos, quando lhes exuseram os princípios da reforma constitucio-

nal. Agora, é a hora e a vez de fazer que os grupos de pressão que reconhecidamente têm ascendência sobre muitos congressistas façam seu papel. Por isso se reuniu com os empresários sexta-feira. Por isso reunir-se-á com sindicalistas terça-feira. Pouco importa que encontre dissonâncias em torno deste ou daquele ponto. Que alguns se mantenham em posições empedernidas. O importante para o presidente é que, tendo sentido que o vento sopra a

## O presidente FHC vai estabelecendo sua concepção do processo: a política é a arte do necessário

favor das reformas, está mobilizando os setores capazes de fazer pressão sobre o Congresso a fim de que a aprovação das reformas, o *processo*, não se prolongue por quatro anos — que o País não suportará o estresse e a ordem jurídica poderia sofrer abalos. Em síntese, o presidente deixa claro a quem quiser ver que o auxílio do Congresso é indispensável para as reformas constitucionais, que mobilizará a sociedade para vencer as resistências corporativas do Legislativo, e que quando necessário governará por medidas provisórias. A questão que se coloca é saber se as lideranças da atual Legislatura são do mesmo estofado daquelas que assistiram passar aos governos Sarney, Collor e Itamar...